

"O BRASIL NÃO TEM POVO, TEM PÚBLICO": UMA LEITURA CRÍTICA DE "RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA", DE LIMA BARRETO

Marta Rodrigues (CP2)

RESUMO: A obra de Lima Barreto se encontra intrinsecamente relacionada ao momento histórico das modificações implementadas no espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX. O Bota-Abaixo de Pereira Passos, ao alterar a geografia da cidade, modificou também as estruturas sociais e culturais. Paralelo a isso, a imprensa como espaço de poder se solidificava em sintonia com a modernização espacial. Em *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, Lima Barreto nos mostra de que forma a transformação física do Rio esteve atrelada ao desenvolvimento da imprensa como um poder paralelo na estrutura social que se modernizava. Desse modo, história, cultura e literatura fazem uma confluência, com a última sendo um registro contemporâneo das alterações das duas primeiras. Nesse sentido, o autor pré-modernista foi um verdadeiro escritor inserido em sua época, registrando a história em seu processo de construção. Pretende-se analisar o romance citado a partir da dinâmica entre a história em curso e a influência da imprensa na configuração da sociedade moderna que se constituía no início do século XX, partindo de episódios específicos da narrativa.

Palavras-chave: Lima Barreto. Recordações do escrivão Isaías Caminha. Imprensa.

A imprensa pode ser avaliada, em seu processo de formação e consolidação, como um produto do próprio sistema de desenvolvimento do mundo capitalista burguês. Nela, encontram-se solidificados os valores da burguesia, contribuindo em muito para a uniformização do pensamento e do comportamento dos indivíduos. O controle dos meios de difusão das ideias é uma das formas de transmissão de uma unidade de valores éticos, morais, sociais, culturais, políticos. Nesse sentido, a liberdade de informar e de opinar se desenvolveu de acordo com os interesses do momento. A relação entre desenvolvimento da imprensa e capitalismo torna-se, desse modo, evidente. A concentração urbana, o surto demográfico, a necessidade de circulação de informações, de um mundo de produção de massa levaram a imprensa a revolucionar suas técnicas de produção, de modo a atender à demanda de um mundo em que relações mercadológicas passam a ser a regra.

No Brasil, a imprensa desenvolve-se sob a égide oficial, e esse desenvolvimento ocorre intrinsecamente relacionado aos literatos. Na segunda metade do século XIX, a relação entre a imprensa e a literatura se afina no Brasil. Nesse momento, o Brasil

começa a implementar transformações de base que levarão a uma nova necessidade jornalística e literária. Surgem as ferrovias e há um desenvolvimento da navegação a vapor, elementos que encurtarão distâncias e permitirão um incremento das trocas comerciais; o telégrafo possibilita maior aproximação entre as áreas urbanas e rurais; o comércio, os bancos e a indústria ganham maior organização e conseqüente desenvolvimento. Como não poderia deixar de ser, a sociedade como um todo reflete essas transformações em vários aspectos, e a imprensa é o veículo principal de divulgação dessas modificações, refletindo-as e referendando-as.

Com uma sociedade burguesa espelhando-se nos modelos europeus, especialmente franceses, portando-se e vestindo-se nos moldes dos salões parisienses, a imprensa e a literatura terminam por expressar os valores expostos em uma Corte que se exhibe à rua do Ouvidor nos trajes da moda, agradando às mocinhas e aos mocinhos com as frivolidades que, naquele momento, os encantavam.

A literatura, em sua associação à imprensa, teve interesses mercantis e mercadológicos a regerem suas regras de organização e a relação entre produção literária e esses interesses reflete, na verdade, uma mentalidade de época e assim deve ser compreendida. O personagem Isaías Caminha vivencia essa realidade e descobre que a força impulsionadora da literatura via jornal não é artística, ligada ao talento; aprende que ela deve nascer dos elementos que a transformem em sucesso certo e imediato. Isso revela a filosofia de uma nova era, moderna, que a tudo transforma em mercadoria, incluindo o artista e a arte.

O romance *Recordações do escrvão Isaías Caminha* foi o primeiro publicado por Lima Barreto. Apesar de possuir outro já quase concluído, *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, o autor conscientemente optou por lançar-se às letras com o polêmico romance, que mexia nos vespeiros da literatura da época e, em especial, de seu maior veículo de divulgação e promoção, os jornais.

Há uma evidente preocupação do autor em imprimir um caráter realista ao relato ao estruturar o livro como uma narração memorialística de um amigo do autor Lima Barreto, que, no romance, se coloca como editor do citado amigo. Aproximando-se do real, e afastando a criação de si mesmo, criador, Lima Barreto termina por produzir a

“falsa denotação” a que se refere Woods (WOODS, 2011), ou a “ilusão referencial” aludida por Barthes (BARTHES, 2004), elementos determinantes dos rumos do romance moderno, promovendo a aparência de realidade pretendida.

A despeito dessa necessidade de filiar o texto à realidade, é interessante observar de que forma Lima Barreto estabelece o diálogo com essa tradição realista. No que diz respeito ao romance, o autor seguiu os dois preceitos básicos levantados por vários críticos, o de inscrever os fatos no tempo presente, narrando eventos enquanto estes se desenrolam, e a preocupação em retratar uma individualidade.

Ao mesmo tempo em que há uma preocupação com o caráter realista da obra, o olhar que o personagem lança sobre a cidade e as pessoas, antes de ser uma mera reprodução descritiva, evoca as impressões pessoais provocadas pelo que está ao redor e revela o modo como a sua subjetividade vê o que ali se encontra. Perambulando pela cidade, como um típico observador ambulante, capturando as minúcias do espaço e das pessoas, Isaías não se preocupa em reproduzir detalhes de um cotidiano de modo fotográfico, mas sim impressões desse cotidiano, apreensões que ora tendem ao lirismo ora à crítica, ora lidam com o belo, ora com o grotesco, tendências que oscilam dentro da narrativa.

Assim, logo ao chegar, os olhos virgens do rapaz do interior são arrebatados por impressões estonteantes, resgatadas pela memória de forma quase onírica, repletas de poesia, sob a forma de um espetáculo, sob a luz do entardecer/anoitecer:

O casario defronte – o da orla da praia, envolvido já nas brumas da noite, e o do alto, queimando-se na púrpura do poente – surgia revoltado aos meus olhos, bizarramente disposto sem uma ordem geometricamente definida, mas guardando com as montanhas que espreitavam a cidade, com as inflexões caprichosas das colinas e o meandro dos vales, um acordo oculto, subitamente lógico.

Evolava-se do ambiente um perfume, uma poesia, alguma coisa de unificador, a abraçar o mar, as casas, montanhas e o céu; pareciam erguidos por um só pensamento, afastados e aproximados por uma inteligência coordenadora que calculasse a divisão dos planos, abrisse vales, recortasse curvas, a fim de agitar viva e harmoniosamente aquele amontoado de cousas diferentes... O aconchego, a tepidez da hora, a solenidade do lugar, o crenulado das montanhas engastadas no céu côncavo, deram-me impressões várias, fantásticas, discordantes e

fugidias. Havia um brando ar de sonho, e eu fiquei todo penetrado dele. (BARRETO, 1983, p. 39, cap. II)

Esse olhar subjetivista contrasta com o modo mecânico e utilitarista como o homem passa a lidar com o mundo e com as relações sociais e pessoais. Há uma dissociação entre esse modo de ver e o modo crítico de olhar a sociedade que a tudo mercantiliza. É um olhar poético em contraste com a crueza de um mundo em que a poesia foi deixada de lado. As duas formas de apreensão do real são perceptíveis na narração, que tende ao lírico em determinadas descrições e em outras resvala no irônico, no satírico, no grotesco como elementos próprios ao viés da crítica. Há aí, nesse primeiro momento, um olhar encantado, de quem vislumbra a cidade pela primeira vez, no entanto o encantamento não ocorre por elementos próprios do espaço urbano, de elementos da modernidade propriamente dita, ele vem da luz, do jogo de contrastes, da penetração de imagens.

Paradoxalmente, ao chegar à terra, o encantamento gerado pelas impressões que teve afastado, enquanto ainda estava na travessia da barca, se desvanece diante de uma cidade, de um espaço urbano inesperadamente feio. A primeira visão da cidade é, na verdade, decepcionante:

Quando saltei e me pus em plena cidade, na praça para onde dava a estação, tive uma decepção. Aquela praça inesperadamente feia, fechada em frente por um edifício sem gosto, ofendeu-me como se levasse uma bofetada. Enganaram-me os que me representavam a cidade bela e majestosa. Nas ruas, havia muito pouca gente e do bonde em que as ia atravessando, pareciam-me feias, estreitas, lamacentas, marginadas de casas sujas e sem beleza alguma.

A Rua do Ouvidor, que vi de longe, iluminada e transitada, em pouco diminuiu a má impressão que me fez a cidade. (BARRETO, 1983, p.40, cap.II)

Isaías se defronta com uma cidade ainda em processo de urbanização, apresentando uma série de problemas de ordem estrutural que, longe de enfeitiçar o olhar, provoca desgosto. O Rio de Janeiro retratado no romance, pós-republicano, passa justamente pelo processo de remodelação que lhe daria um ar mais afrancesado, com

avenidas largas à moda parisiense. O Rio civiliza-se e higieniza-se, mas a primeira impressão é de insalubridade, de sujeira, longe de uma visão idealizada que o personagem pudesse conceber. Ainda assim, é na capital onde tudo acontece, onde os sonhos se tornariam realidade, o lugar das possibilidades e das transformações, das mudanças rápidas, das oportunidades. Há, em consequência, um estranhamento provocado diante de tantas alterações, tanto de ordem política quanto geográfico-social, como se percebe nas palavras do coronel Figueira, velho fazendeiro hospedado no mesmo hotel em que Isaías se hospeda, por uma indicação, o Jenikalé, na Praça da República. O senhor se espanta diante de uma cidade que não reconhece mais:

[...] Está tudo mudado: Abolição, República... Como isso mudou! Então, de uns tempos para cá, parece que essa gente está doida; botam abaixo, derrubam casas, levantam outras, tapam umas ruas, abrem outras... Estão doidos!!! (BARRETO, 1983, p.56, cap. II)

É o “bota-abaixo” de Pereira Passos, é a cidade se remodelando, se espreado para os subúrbios, sendo saneada, modernizada, adequada ao gosto e aos valores europeus, modelo de civilização no qual nos espelhávamos. Para uma nova cidade, um novo olhar, uma nova apreensão do real, uma nova dinâmica de percepção, de apreensão e de registro do olhar.

Curiosamente, logo no primeiro dia em que chega, Isaías já é levado à vida mundana que caracteriza a cidade. Após se hospedar, Isaías trava de imediato contato com um padeiro, Laje da Silva, que o reconhece da viagem. O padeiro de Itaporanga, caracterizado de forma extremamente ambígua, ao descobrir que Isaías viera ao Rio com a intenção de estudar, convida o futuro “doutor” para “dar uma volta” e o leva ao teatro. O teatro é o lugar em que as coisas acontecem, onde as pessoas se mostram. É no teatro que Luciano se perde de amor, é nesse espaço que se abre a possibilidade de sua entrada no universo do jornalismo, assim como Isaías vai travar seus primeiros contatos no meio jornalístico em sua primeira incursão teatral. Luciano adentra esses espaços, do teatro e do jornal, pelas mãos de um igual, do escritor e jornalista Lousteau, já Isaías se inicia na vida noturna carioca e nos meandros do mundo jornalístico pelas mãos de um

padeiro. Há uma visível oposição entre a atividade de Laje Silva, um “simples comerciante” de cidade do interior, e seus contatos na cidade. Ele conhece todo o meio jornalístico e transita confortavelmente entre os jornalistas. A pessoa do padeiro provoca em Isaías sempre certa sensação de desconforto, mas o tratamento respeitoso, o distintivo “doutor” encantam o jovem estudante.

Aquele homem ia pondo em mim uma singular inquietação. A sua admiração tão explosiva ao meu projeto de estudo, as suas maneiras ambíguas e ao mesmo tempo desembaraçadas, o seu olhar cauteloso, perscrutador e sagaz, junto ao seu ar bonacheirão e simplório, provocavam-me desencontrados sentimentos de confiança e desconfiança. Havia nele tanta coisa oposta à profissão que dizia ter que me pus a desconfiar – quem sabe! Entretanto, a sua afabilidade, as suas mãos grossas... (BARRETO, 1983, p.41, cap. II)

No teatro e na rua, cumprimentou mais de uma dezena deles [jornalistas] e apontou-me, sem lhes falar, uma dúzia de outros. É de tal jornal diário, dizia; é de tal semanário; “faz guerra, faz marinha”... Conhecia minuciosamente toda a vida jornalística. (BARRETO, 1983, p.135, cap. III)

As impressões negativas a respeito de Laje da Silva mais tarde se confirmarão, quando de padeiro se transforma, por vias não reveladas, em proprietário de “uma casa de divertimento na Lapa, *Folies Bergères*, onde se dizia haver jogo oculto” (BARRETO, 1983, p.135, cap. III).

É nesse ambiente urbano e do mundo da imprensa que Isaías viverá suas experiências na capital carioca. É ao olhar para os homens desse universo que o viés mais crítico e cáustico do narrador se evidencia. As experiências pelas quais o personagem passa ocorrem na rapidez própria de um mundo em modernização, e, tal qual o próprio mundo ao redor, Isaías passa por modificações de forma acelerada. desde o primeiro momento em que entra em contato com o meio jornalístico, ressalta-se o poder que a imprensa detém no país, poder que se estende aos que nela trabalham:

Mal saiu [Raul Gusmão], pedi pormenorizadas informações ao Laje da Silva. Nos confins da minha aldeia natal, eu não podia adivinhar que o Rio contivesse exemplar tão curioso do gênero humano, uma desencontrada mistura de porco e de símio adiantado, ainda por cima

jornalista ou cousa que o valha, exuberante de gestos inéditos e frases imprevistas. Laje da Silva, porém, só sabia que ele tinha a *Aurora* à sua disposição, jornal muito lido e antigo, respeitado e que, no tempo do Império, derrubou mais de um ministério. Escrevia nos jornais; era o bastante. [...] Todos para ele [Laje] eram sagrados, seres superiores ou necessários aos seus negócios, pois viviam naquela oficina de ciclopes onde se forjavam os temerosos raios capazes de ferir deuses e mortais, e também os escudos capazes de proteger as traficâncias dos mortais e dos deuses. (BARRETO, 1983, p.4, cap. II)

Tem-se aqui a descrição do poder da imprensa e daqueles que nela operam. É predominantemente em torno desse tema que o romance vai girar, partindo não do jornalista apresentado tão negativamente ou do jornal aludido, mas de um jornal novo, que chegou para tomar o lugar antes ocupado por outros.

Ao destacar novamente seu provincianismo, o narrador termina por evidenciar que a visão que ora apresenta é resultado de uma avaliação feita com o passar do tempo, e não da impressão gerada exatamente naquele momento, em que não possuía a malícia necessária para uma apreciação crítica e sarcástica de tal monta. Nesse momento, Isaías, um provinciano cheio de ideais e de propósitos, tem apenas dezoito anos de idade; não possui, portanto, capacidade para destilar tanto veneno como faz o narrador anos depois, revestido de certa autoridade de quem sabe do que fala pelo conhecimento adquirido. Ou pelas decepções sofridas.

Prefigura-se o mundo moderno a partir do jornal, um mundo em que as pessoas estão submetidas às redes de poder, que determinam quem se é e como se deve viver.

[...] empresa sujeita às interdições da política. [...] instituição de força socialmente ativa, em especial na incipiente manipulação de consumidores, dirigindo-lhes as escolhas de vestuário, alimentação, linguagem e comportamento. (FIGUEIREDO, 1995, p.13)

No caso do Brasil, essas redes espriavam-se ainda mais, porque ainda havia a questão do protecionismo; as ascensões se davam por indicações, a meritocracia quase sempre estava submetida aos interesses dos detentores do poder. É com essa realidade que Isaías vai-se deparar. Com sua carta de indicação na mão, busca incessantemente por um emprego que jamais lhe será dado. Todos os dias transita inutilmente de sua

pensão à casa do deputado Castro. É nessas incursões, no entanto, que entra em contato com a cidade e afina seu olhar sobre a vida carioca, tendo de se adaptar a uma realidade diversa daquela com a qual estava acostumado em sua “vida roceira”:

[...] As montanhas de Niterói recortavam-se nitidamente sobre o céu azul e fino, que começava a ser manchado, lá no fundo da baía, por cima do casario da Alfândega e do Mercado, por grandes pastas de nuvens brancas. Ainda pouco familiarizado com o trânsito pesado da rua, atravessei a Rua Direita cheio de susto, cercado-me de mil cautelas, olhando para aqui e para ali, admirado que aquela porção de gente trabalhasse sob sol tão ardente, sem examinar que valor tinham as suas Câmaras e o seu Governo. (BARRETO, 1983, p.51, cap. II)

Surpreende ao provinciano Isaías a cidade em seu complexo e rápido movimento, mas também a política com a qual se confronta em uma sessão na Câmara, em que predomina a falta de respeito daqueles que fazem as leis, a falta de ordem daquelas pessoas que até então considerava superiores sob diversos aspectos. O processo de decepção política culmina na própria figura do deputado Castro. Depois de inúmeras e infrutíferas tentativas, Isaías finalmente consegue encontrar o deputado na casa que este mantinha para uma jovem amante – prática comum, segundo o que se vê no romance. Ao encontrá-lo, o deputado, mesmo mostrando má vontade, promete encontrar alguma ocupação para o rapaz e pede que o procure no dia seguinte. Qual não é a surpresa do jovem ao descobrir, pelo jornal que lê no bonde que o leva de volta à pensão, que o deputado sairia da cidade ainda naquela noite, sem data para voltar. Toda a situação de penúria que se prenunciava antes agora se materializa e há uma completa consciência de que pouco poderá fazer sem o apadrinhamento previsto. Aqui se anuncia a derrota de Isaías, não uma derrota puramente econômica, que ele superará, mas a derrota de suas expectativas, de seus sonhos de formação, de ser um doutor, de se fazer pelo estudo.

Referências

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BARTHES, Roland. O efeito de real. In: **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WOODS, James. **Como funciona a ficção**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. **Lima Barreto e o fim do sonho republicano**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.